

## PLANTAS MEDICINAIS: A UNIÃO DOS SABERES

MARCELA POLINO GOMES<sup>1</sup>; LÍLIAN MUNHOZ FIGUEIREDO<sup>2</sup>;  
LAURA MARIANA FRAGA MERCALI<sup>3</sup>; ROBERTA ARAÚJO FONSECA<sup>4</sup>;  
GABRIEL OSCAR RIBEIRO MACHADO<sup>5</sup>; TEILA CEOLIN<sup>6</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – marcelapolinogomes8@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – lilian.figueiredo@outlook.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – lauramfmercaldi@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – robsaraujof@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – gabrieloscar934@gmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – teila.ceolin@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da existência humana, o homem buscava meios na natureza para solucionar os obstáculos cotidianos (ALVIM, et al. 2006). Dessa forma, utilizava-se de plantas, com propósito medicinal para prevenção, tratamento ou cura das enfermidades, utilizando-se da observação da natureza (FIRMO, et. al. 2011)

A partir desse contexto e, tendo em vista o aumento do interesse da população ao longo do tempo acerca do tema, evidenciou-se a necessidade de conhecimento científico sobre os efeitos das plantas medicinais no organismo humano (GLÓRIA, 2012). Sendo assim, e tendo como objetivo norteador a garantia do acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos à população brasileira, foi implementado, por meio do Decreto nº 5.813, de 22 de junho de 2006, a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF). Além disso, a necessidade de ampliação das opções terapêuticas, a melhoria da atenção à saúde, o uso sustentável da biodiversidade brasileira, a valorização e preservação do conhecimento tradicional das comunidades e a participação popular foram apontados também como princípios orientadores favoráveis à implementação da PNPMF (BRASIL, 2016).

No âmbito acadêmico, a propagação desse conhecimento científico para a comunidade dá-se também através da extensão universitária, que visa difundir as ações de ensino e pesquisa desenvolvidas dentro da universidade (PREVE; SOUZA; GUIMARÃES, 2017). Desta forma atua o Projeto Práticas Integrativas e Complementares na Rede de Atenção em Saúde (PIC-RAS), vinculado a Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) que, através de oficinas, ressalta a importância que as plantas podem ter para o uso terapêutico, integralizando os saberes científicos/técnicos e populares, e tratando da pluralidade de muitas espécies, suas finalidades, riscos e benefícios à saúde humana.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a abordagem realizada na oficina de plantas medicinais, onde a temática é desenvolvida a partir da interação dos participantes frente ao conhecimento sobre o assunto.

### 2. METODOLOGIA

O presente trabalho constitui-se de um relato de experiência, realizado através de um método descritivo e observacional da oficina de plantas medicinais. A oficina ocorreu no 1º semestre de 2019, no Centro Regional de Referência de

Cuidados Paliativos – Cuidativa, tendo como participantes os acadêmicos de enfermagem, docentes, enfermeiras, pacientes, cuidadores, voluntários e profissionais de saúde, totalizando 18 pessoas.

As atividades ofertadas pelo projeto PIC-RAS são realizadas por docentes e discentes (graduação e pós-graduação) da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Além disso, o projeto conta, também, com o apoio de profissionais e estudantes provenientes do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Sul- Riograndense (IFSul).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Brasil possui uma vasta biodiversidade e, aliado à diversidade cultural e étnica, possibilita um acúmulo de conhecimento tradicional no modo de cuidado e aplicação das plantas medicinais (BRASIL, 2016). A oficina de plantas medicinais ministrada pelos integrantes do projeto de extensão reforça a ideia da existência do conhecimento popular acerca da temática, assim como evidencia a necessidade de um saber técnico para o uso correto e racional desses recursos naturais, visto que, igualmente aos medicamentos alopatônicos comercializados em farmácias, as plantas medicinais também possuem efeitos adversos.

A partir disso, a oficina sobre plantas medicinais é dividida em quatro momentos, sendo o primeiro a exposição das principais plantas utilizadas no dia a dia e seus benefícios, como por exemplo, a cavalinho (*Equisetum arvense*), a qual é utilizada como diurético (ANVISA, 2016). Em um segundo momento, é abordado como deve ser feita a identificação correta das plantas, levando em consideração os sentidos visuais, táteis e olfativos, além da importância de saber os nomes científicos dessas. Já no terceiro momento, é realizado um diálogo acerca do que foi exposto anteriormente com o esclarecimento de dúvidas, pois é a partir delas que ocorre a troca de saberes. Por fim, no quarto momento aborda-se as diferentes formas de preparo e o correto armazenamento das plantas medicinais.

Sendo assim, as plantas levadas pelos integrantes do grupo de extensão PIC-RAS são expostas de modo que os participantes da oficina possam identificá-las e compará-las a partir da identificação visual, do toque, do olfato e dos seus hábitos e costumes. Com base nisso, são levantadas as demandas dos próprios participantes acerca dos benefícios dessas e demais plantas, no qual as principais ações terapêuticas exploradas visam a melhora do tratamento de algum sintoma questionado pelos participantes. Dessa forma, as atividades desenvolvidas pelo PIC-RAS contribuem com o conhecimento técnico-científico, que engloba desde as formas de preparado até o armazenamento correto, integrando o saber dos participantes da oficina de forma que haja a promoção da saúde e prevenção da doença, tendo como base o uso racional e consciente das plantas medicinais, pautado no diálogo entre os conhecimentos científico e popular, até então segregados. Desta forma, oportunizando um processo criativo, interdisciplinar, cultural e educativo.

Além da contribuição do conhecimento técnico, o fato de dialogar sobre plantas para o uso terapêutico auxilia a desconstrução do preconceito existente sob essa prática de cuidado, fazendo com que, desse modo, seja proporcionado o empoderamento social e a autonomia. Ainda, a discussão da temática favorece o reconhecimento e disseminação das políticas a respeito das práticas integrativas e complementares, que englobam as plantas medicinais, e que, infelizmente, ainda se encontram pouco disponíveis no sistema de saúde do Brasil (HECK; RIBEIRO; BARBIERI, 2017).

## 4. CONCLUSÕES

Tendo como base a oficina, percebe-se que as plantas medicinais têm potencial estimulador de memórias afetivas, visto que elas possuem ligações com saberes repassados entre gerações. Além disso, é necessário que esse conhecimento presente entre a população, se propague permeado de fundamentação científica. O que mostra, portanto, a importância da troca de saberes que são oportunizadas em atividades como as desenvolvidas pelo projeto de extensão. Em suma, as oficinas proporcionam um espaço de trocas para o desenvolvimento da autonomia social e promovendo o empoderamento do cuidado.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA)(BR). **Memento fitoterápico: farmacopeia brasileira.** 1. ed. Brasília: ANVISA, 2016.

ALVIM, N.A.T. et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.14, n.3, p. 316-323, 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/pdf/r1ae/v14n3/pt\\_v14n3a03.pdf](http://www.scielo.br/pdf/r1ae/v14n3/pt_v14n3a03.pdf)> Acesso em: 30 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016. 190 p.

FIRMO, W. C. A. et al. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. **Caderno de Pesquisa**, São Luís, v.18, n. especial, p. 90-95, 2011. Disponível em <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/746/2578>> Acesso em: 30 set. 2019.

GLÓRIA, M. Plantas Medicinais, Fitoterápicos e Saúde Pública: Um diagnóstico situacional entre profissionais da área da saúde em Anápolis, Goiás. **Revista do Mestrado Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente**, v. 1, n. 2, p. 76-92, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/405> Acesso em: 06 set. 2019.

HECK, R. M.; RIBEIRO, M. V.; BABIERI, R. L. (Ed.) **Plantas Medicinais no Bioma Pampa no cuidado em saúde**. Brasília: EMBRAPA, 2017. 155 p.

PREVE, D. R.; SOUZA, I. F.; GUIMARÃES, M. L. F. (Org.). **Práticas e saberes de extensão**. Curitiba: Multideia, 2017. 7 v. Disponível em: <[https://www.unesc.net/portal/resources/files/71/ebooks/praticas\\_e\\_saberes\\_de\\_extensao\\_v8.pdf](https://www.unesc.net/portal/resources/files/71/ebooks/praticas_e_saberes_de_extensao_v8.pdf)> Acesso em: 06 set. 2019.